

ESTUDO EXPERIMENTAL DAS CONSTRUÇÕES COM VERBO-SUORTE (õIR PARA O CÉUö, õIR PARA O INFERNOö, õIR PARA AS CUCUIASö, õIR PARA O BELELÉUö)

Sílvia Carolina Gomes Souza Guerreiro¹

RESUMO: A pesquisa examina a construção com verbo suporte ($V_{(ir)}$ Prep_(para) Det_(artigo) SN) a partir da análise das microconstruções *õir para o céuö*, *õir para o infernoö*, *õir para o Beleléuö* e *õir para as cucuiasö*, à luz da teoria da Linguística Cognitivo-Funcional e sua articulação com a Abordagem Construcional da Gramática (GOLDBERG, 1999, 2006; TRAUGOTT & TROUSDALE,). Conta com metodologia experimental, com o propósito de observar como os usuários da língua avaliam tais estruturas. Foram distribuídos quatro testes subjetivos a 25 participantes. Ao analisar as respostas, observou-se que os informantes: (i) utilizam mais os verbos plenos do que as construções com verbo suporte; (ii) têm consciência das variantes linguísticas; (iii) associam o uso das frases formadas com verbo pleno a jornais cultos, e o uso das frases formadas com verbo suporte a jornais populares; e (iv) afirmam que não realizam construções com verbo suporte. Espera-se que esta pesquisa contribua para os estudos sobre variação linguística no âmbito da Linguística Cognitivo-Funcional, mais especificamente, da Abordagem Construcional da Gramática.

Palavras-chave: Linguística Cognitivo-Funcional. Metodologia Experimental. Variação.

EXPERIMENTAL STUDY OF CONSTRUCTIONS WITH SUPPORT VERB (*õIR PARA O CÉUö*, *õIR PARA O INFERNOö*, *õIR PARA AS CUCUIASö*, *õIR PARA O BELELÉUö*)

ABSTRAT: This paper examines the construction with support verb ($V_{(ir)}$ Prep_(para) Det_(artigo) SN) from the analysis of microconstructions *õir para o céuö*, *õir para o infernoö*, *õir para o Beleléuö* e *õir para as cucuiasö*, based on the theory of Cognitive-Functional Linguistics and its articulation with the Construction Grammar (GOLDBERG, 1999, 2006; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013). It counts on experimental methodology to observe how language users evaluate such structures. four subjective tests were distributed to 25 participants. In analyzing the answers, we observed that the informants: (i) they use the full verbs more than the constructions with support verb; (ii) they are aware of linguistic variants; (iii) they associate the use of sentences formed with full verb to cultured newspapers, and the use of sentences formed with verb support to popular newspapers; and (iv) they state that they do not perform constructions with verb support. This research contributes to studies on linguistic variation in the scope of Cognitive-Functional Linguistics, more specifically, of Constructive Approach of Grammar.

Keywords: Cognitive-Functional Linguistics. Experimental Research. Variation.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: silviacarolin Souza@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2188-9235>.

Introdução

A presente pesquisa, fundamentada na Linguística Cognitivo-Funcional e sua articulação com Abordagem Construcional da Gramática ó ver pressupostos teóricos ó, tem como objetivo examinar a construção com verbo suporte ($V_{(ir)}$ Prep_(para) Det_(artigo) SN) a partir da análise das microconstruções òir para o céuö, òir para o infernoö, òir para as cucuiasö e òir para o Beleléuö, com o propósito de verificar como os usuários da língua avaliam tais estruturas.

O verbo pleno òirö relaciona-se às expressões de futuro e à ideia de deslocamento no espaço geográfico, por exemplo, òAmanhã, irei a casa de Mariaö. Além disso, em expressões òIR + sintagma nominalö, é sabido que se encontra em algum estágio do *continuum* de gramaticalização (cf. CASTILHO, 2010). Considerando esse cline de significados, temos os verbos plenos, com função de selecionar argumentos e a eles atribuir papel temático, e o verbo-suporte òque apresenta extensão de uso e de sentido em relação ao verbo predicador pleno e passa a compartilhar com elemento não verbal a função de projetar argumentos e atribuir papel temáticoö (TRAVASSOS 2019, p. 34). O verbo pleno IR tem sentido de movimento, isto é, sair de um ponto e chegar a outro, por exemplo òJoão foi ao shoppingö. Já o verbo-suporte ou não pleno ($V_{(ir)}$) juntamente com a construção (Prep_(para) Det_(artigo) SN) apresenta sentido de movimento metafórico, por exemplo, òJoão foi para o Beleléuö, em que passa a desempenhar sentido mais idiomático, porque envolve (alguma) cristalização formal e de significado.

As microconstruções òir para o céuö, òir para o infernoö, òir para as cucuiasö e òir para o Beleléuö tendem a ser relacionadas ao significado de morte, por exemplo: (a) Faz um mês que João foi para o céu; (b) Faz um mês que João foi para o Beleléu; (c) Faz um mês que João foi para as cucuias. No entanto, observa-se uma extensão semântica no significado dessas microconstruções, por exemplo, (a) Meu cabelo foi para as cucuias; (b) Fiz o plano de ir ao cinema, mas meu plano foi para o Beleléu; (c) João chutou a bola tão forte que foi para o Beleléu.

Tendo como base teórica a variação por similaridade (cf. desenvolvido em WIEDEMER & MACHADO VIEIRA, 2018a, 2018b; MACHADO VIEIRA & WIEDEMER, 2020), a pesquisa observará, a partir da metodologia experimental, se os usuários da língua realizam e observam os diferentes significados das microconstruções. Na presente pesquisa

serão aplicados quatro testes de avaliação subjetiva: (i) preenchimento de lacunas; (ii) compreensão do significado; (iii) comparação entre mídias; e (iv) mapeamento das realizações.

Os objetivos destes testes são verificar se os informantes: (a) utilizam a construção com verbo suporte; (b) observam que as microconstruções formadas com verbo-suporte ir + preposição para + sintagma nominal apresentam extensão semântica do seu significado; (c) atribuem a construção com verbo suporte a um meio de comunicação mais popular; e (d) assumem que realizam as microconstruções com o verbo suporte.

Por fim, este artigo está composto em 4 seções, além desta introdução. Na segunda seção expõem-se as teorias em que a pesquisa está fundamentada. Na terceira seção, apresentam-se as metodologias que serão aplicadas na pesquisa. Na penúltima seção, verificam-se as análises e os resultados obtidos dos testes de atitudes. A última seção é o da conclusão, verifica-se que os informantes tendem a não utilizar as construções com verbo-suporte ($V_{(ir)} \text{Prep}_{(para)} \text{Det}_{(artigo)} \text{SN}$), mas possuem consciência da variação linguística existente.

2 Pressupostos teóricos

A pesquisa baseia-se na teoria da Linguística Cognitivo-Funcional (BYBEE, 2010; BARLOW & KEMMER, 1999) e sua articulação com a Abordagem Construcional da Gramática (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013), observa-se a construção com verbo suporte ($V_{(ir)} \text{Prep}_{(para)} \text{Det}_{(artigo)} \text{SN}$) a partir da análise das microconstruções *õir para o céuö*, *õir para o infernoö*, *õir para as cucuiasö* e *õir para o Beleléuö*, com o propósito de verificar como os usuários da língua avaliam tais estruturas. Cabe destacar, ainda, que, neste modelo, a língua é assumida a partir da relação entre a interação social dos interlocutores e a representação desses significados. Com isso, os usuários tendem a selecionar uma ou outra forma de acordo com os seus condicionamentos sociais, comunicativos e culturais. Com isso, a gramática, por sua vez, apresenta estabilidade, variação e mudança, sendo moldada em um processo contínuo, a partir de representações cognitivas da realidade. Segundo Hoffmann & Trousdale (2011, p. 1):

Todos os idiomas humanos são caracterizados por variabilidade sincrônica e estão sujeitos a alterações ao longo do tempo. Consequentemente, devido a

este papel central da variação e mudança, qualquer teoria cognitiva deve dar conta de ambos os fenômenos.²

Traugott & Trousdale (2013), defendem que: (i) a unidade básica da gramática é a construção, em que há um emparelhamento entre forma e significado; (ii) a variação linguística pode ser explicada de várias maneiras, incluindo processos cognitivos de domínio geral; (iii) a estrutura da linguagem é moldada pelo uso da linguagem; e (iv) a linguagem/língua são constituídas a partir de uma rede de nós e *links*.

São poucos os trabalhos, no âmbito da Abordagem Construcional ou da Linguística Cognitivo-Funcional que se referem ao tratamento da variação. No entanto, alguns pesquisadores desta linha teórica defendem que a língua é heterogênea e apresenta variações e mudanças linguística. Sobre o assunto, Machado Vieira e Wiedemer (2020, p. 269):

Entendemos que o lugar (central ou periférico) do fenômeno de variação no modelo construcionista dependerá da visão que os pesquisadores assumem sobre a língua. Se a idealizam a partir de uma comunidade de fala homogênea, acabam por representá-la numa rede gramatical de construções também idealizada. Porém, o caráter heterogêneo da língua se impõe a qualquer pesquisador da língua e traz como consequência a obrigatoriedade da representação da variação dentro de um modelo de pesquisa que se intitula baseado no uso.

A variação por similaridade configuracional (ou variação por aloconstrução e metaconstrução) é uma das possibilidades para o tratamento da variação no âmbito da Abordagem Construcional da Gramática apresentada por Wiedemer e Machado Vieira (2018a, 2018b) e Machado Vieira e Wiedemer (2020). Sobre este tipo de variação, apontamos os dizeres dos autores (MACHADO VIEIRA & WIEDMER, 2020, p. 270),

[...] relações de similaridade (quer entre formas que se compatibilizam no *slot* de um padrão construcional, quer entre padrões construcionais ou atributos destes) podem ser convencionalizadas pelos falantes a partir da experiência de uso (centrada na regularidade de eventos analógicos).

Ademais, as variações ocorrem, pois são motivadas por condicionamentos linguísticos e sociais, ou seja, não são realizadas aleatoriamente. Ainda sobre a possibilidade

² Cf. Original "All human languages are characterised by inherent synchronic variability and are subject to change over time. Consequently, due to this central role of variation and change, any explanatorily adequate cognitive theory of language should aim to account for both of these phenomena."

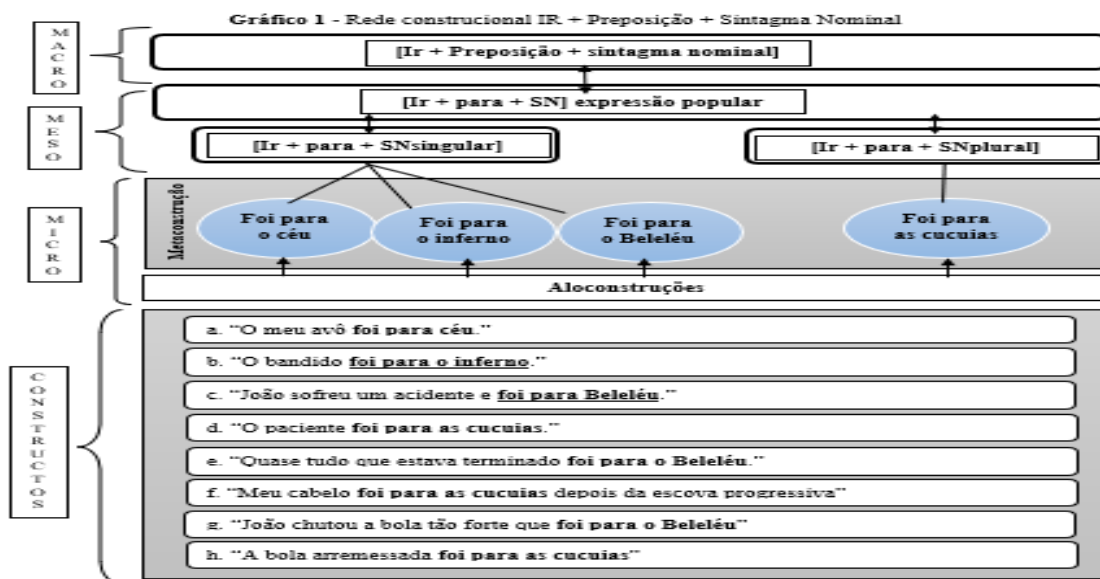
de os falantes dizerem algo de duas maneiras, Machado Vieira e Wiedemer (2018b) se apoiam nos dizeres de Hilpert (2014),

Uma vez que meios alternativos de dizer as coisas não são geralmente aleatórios, mas governados por determinantes linguísticos e sociais, faz sentido investigar as condições sob as quais os falantes escolhem uma ou outra das duas construções (HILPERT, 2014, p. 187 *apud* WIEDEMER & MACHADO VIEIRA, 2018b, p. 51).

Ao considerar que a língua apresenta variação, Cappelle (2006) defende que as variantes apresentam características semelhantes e características distintas. O autor nomeia as variantes linguísticas de *aloconstruções*. Além disso, é na *metaconstrução* que se verifica o que há em comum entre as variantes. Segundo Machado Vieira & Wiedemer (2020, p. 281),

[...] as aloconstruções (*allostructions*) designam os padrões construcionais variantes, comportando o que entre eles é similar e o que é diferente, enquanto a metaconstrução é o termo para capturar o espaço de generalização comum sobre aqueles padrões, em um grau maior de abstração. Tais conceitos serão importantes para lidar com fenômenos variáveis como o aqui brevemente descrito, pois (i) o primeiro permite compreender generalizações sobre padrões construcionais que vão além de relações de instanciação e (ii) a metaconstrução captura as relações analógicas que mostram a importância do uso criativo. E metaconstrução não deve confundir-se, conforme Leino e Östman (2005) ressaltam, com um nível de padrão construcional mais abstrato, geral ou esquemático (o esquema construcional ou o mesoconstrução, por exemplo), pois captura não só semelhanças sistemáticas, mas também diferenças que ocorrem entre padrões construcionais.

Tendo como base teórica a variação por similaridade e os conceitos de aloconstrução e metaconstrução, tem-se a seguinte rede construcional para as variantes òir para o infernoö, òir para as cucuiasö, òir para o céuö e òir para o Beleléuö, a seguir:



A rede construcional prevê que o conhecimento linguístico do usuário da língua inclui a variação por similaridade, ou seja, as alternativas que estão armazenadas na sua memória linguística. Assim, no nível mais abstrato (macroconstrução), tem-se a construção em um nível mais esquemático. No nível da mesoconstrução, estão construções com similaridades observáveis, em que é possível observar os usos mais gramaticais (*ir ao mercado*, por exemplo) e os usos mais idiomáticos (*ir para Beleléu*, por exemplo). No nível da microconstrução, há as construções com capacidade de se instanciarem no discurso. Nesse nível observam-se também as aloconstruções, ou seja, as construções em variação. A metaconstrução capta o que essas construções têm em comum. Assim, detectam-se não só as diferenças, mas também as semelhanças entre as construções (õsupercategoriaõ comum). Por fim, no nível dos constructos, verificam-se as realizações concretas instanciadas no discurso. O sombreado em cinza no nível dos constructos e no nível da mesoconstrução prevê um espaço de variação.

Na rede de nós representada, observa-se o pareamento entre a forma e significado. Como dito anteriormente, no constructo observam-se as realizações concretas da variação linguística. Os constructos grifados nas frases õaõ, õb,õ, õcõ, õdõ apresentam o sentido de morte, e as frases õeõ e õfõ ativam o sentido de que fracasso, ou seja, algo que não saiu como esperado e as duas últimas frases, õgõ e õhõ, têm o sentido de lugar distante. Esses diferentes significados encontrados nos constructos representam as variações linguísticas no campo da função.

Considerando esses diferentes sentidos ativados, tendo como base teórica a Linguística Cognitivo-Funcional e a Gramática de Construções, bem como a metodologia da pesquisa experimental, conforme já adiantamos, investiga como os usuários realizam, avaliam e observam a construção formada por verbo suporte ir + preposição para + sintagma nominal.

Segundo Kenedy (2019, p. 162),

Uma pesquisa experimental deve eleger como objeto de estudo um fenômeno linguístico que possa ser contemplado, de alguma forma, em sua dimensão cognitiva. Como, essencialmente, um paradigma experimental engendra dados empíricos de natureza comportamental, assume-se que tais dados decorram de representação e do processamento linguístico existentes na mente dos participantes de uma tarefa experimental qualquer. Isso quer dizer que a pesquisa experimental é capaz de investigar a realidade psicológica das representações e dos processos linguísticos em uma língua natural. Na verdade, é provável que um grande número de teorias linguísticas independentes se interesse pelo substrato cognitivo da linguagem humana (...). Por essa razão, é possível que gerativistas, funcionalistas, sociocognitivistas etc. realizem pesquisas experimentais, de acordo com seus interesses teóricos particulares.

Na pesquisa experimental são desenvolvidos testes que têm por finalidade verificar como os usuários da língua avaliam/observam diferentes fenômenos linguísticos, entre eles, a variação. Os testes podem ser construídos a partir de dois métodos: o direto e o indireto. No método direto, o falante tem consciência de que suas impressões estão sendo avaliadas. No método indireto, o informante não possui consciência de que suas atitudes estão em avaliação.

De acordo com Kenedy (2015) e Labov (2008 [1972]) são vários os tipos de testes, dentre eles: (i) de reação subjetiva, em que o informante emite opinião em relação à personalidade das pessoas; (b) de extração familiar, em que o julgador é levado a identificar a origem, a classe social do falante; (c) de autoavaliação, em que o usuário é levado a dizer qual é sua maneira própria de falar entre as formas que lhes são sugeridas; e (d) de insegurança linguística, em que o informante é levado a indicar a forma correta entre duas ou mais opções.

Segundo Machado Vieira e Esteves (2009), diversas técnicas podem ser utilizadas na aplicação dos teste experimentais: (i) questionários com estrutura aberta ó o participante disserta livremente sobre um determinado assunto; (ii) questionário com estrutura fechada ó perguntas de sim/não ou múltipla escolha e esquema de categorização ordenada; (ii) entrevistas ó o pesquisador faz perguntas e registra manualmente ou em mídia digital as

respostas dos participantes; (iii) leitura ó o julgador lê um texto e o pesquisador observa o seu comportamento; e (iv) preenchimento de lacunas, entre outros.

3 Metodologia

Com o propósito de observar a avaliação dos usuários da língua em relação as microconstruções òir para o infernoö, òir para o céuö, òir para o Beleléuö, òir para as cucuiasö, 25 informantes responderam quatro testes experimentais: (i) preenchimento de lacunas; (ii) compreensão do significado; (iii) comparações entre mídias; e (iv) mapeamento das realizações. Os testes são de método indireto e de estrutura fechada, ou seja, os informantes não tinham consciência que suas atitudes estavam em avaliação.

Estabeleceu-se um *continuum* em relação a que teste deveria ser aplicado primeiramente. O teste de preenchimento de lacunas pedia que o participante completasse algumas frases com palavras ou expressões. No teste de compreensão de significados os informantes marcavam entre quatro opções (morte, fracasso, lugar longe, outra) qual seria o significado das microconstruções. O terceiro teste teve como objetivo observar se os informantes relacionam as microconstruções formadas com verbo-suporte + preposição para + sintagma nominal a um jornal com característica mais popular, e as com verbo pleno a um jornal considerado mais culto. O último teste de mapeamento das realizações buscava observar se os usuários da língua reconhecem que produzem orações com as microconstruções òir para o infernoö, òir para o céuö, òir para o Beleléuö e òir para as cucuiasö. O teste de preenchimento de lacunas foi o primeiro, pois os informantes não tinham consciência do objeto de estudo. Entende-se que as respostas dos informantes poderiam ser diferentes se o teste de preenchimento de lacunas viesse após o teste de compreensão de significados, uma vez que no teste compreensão de significados há opções de respostas. O último teste foi de mapeamento das realizações, pois entende-se que no final do teste o participante já possuía consciência do fenômeno linguístico que estava sendo estudado.

4 Análise e discussão dos resultados

4.1 Teste 1 ó Preenchimento de lacunas

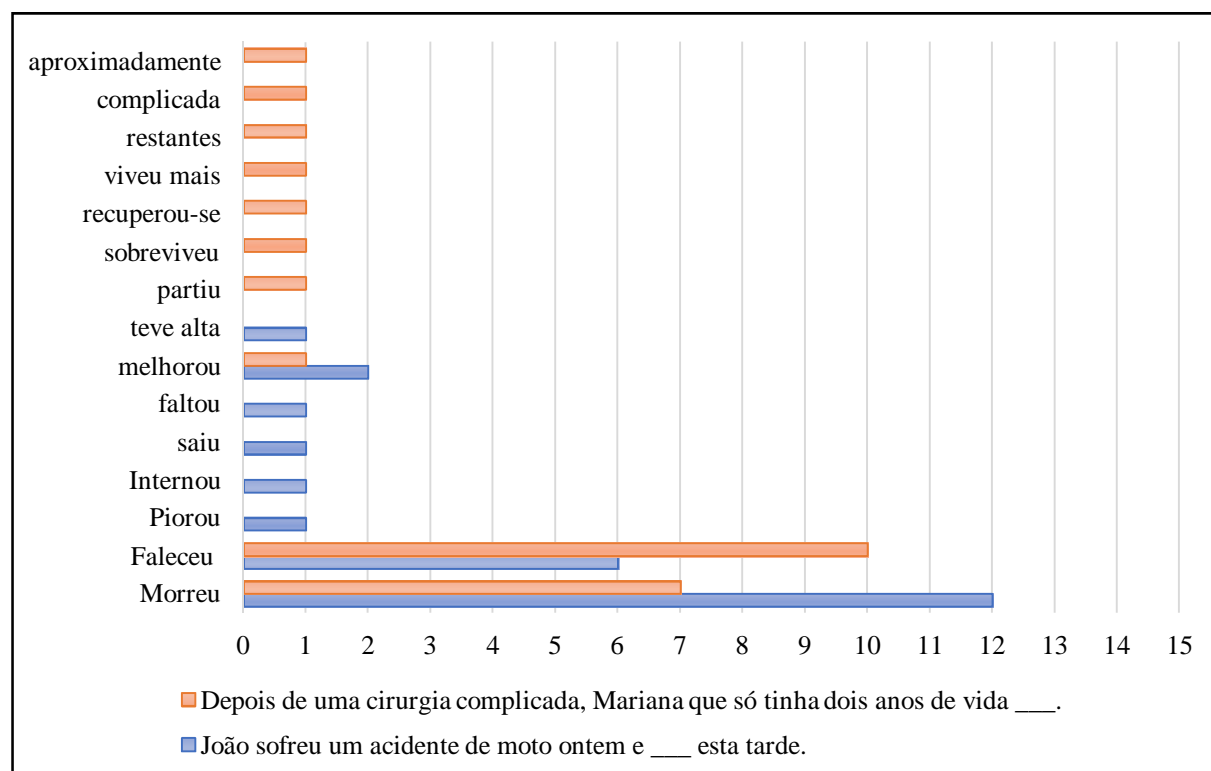
O primeiro teste tem como objetivo observar qual a palavra ou expressão linguística que o participante utiliza para completar as frases. Os testes são compostos por frases que

remetem a interpretação de: (i) morte (ex.: João sofreu um acidente de moto ontem e _____ esta tarde.); (ii) fracasso (ex.: João tinha o plano de abrir uma empresa, mas _____) e (iii) algo que foi para um lugar distante (ex.: João chutou tão forte a bola que ela _____.) A hipótese é que os participantes completem as frases com uma única palavra, talvez um verbo, pois são palavras prototípicas que se encontram internalizadas e entrincheiradas no sistema cognitivo.

Segundo Langacker (1987, p. 8 *apud* DIVJAK & CALDWELL-HARRIS, 2015) *Com o uso repetido, uma nova estrutura se torna progressivamente entrincheirada, a ponto de se tornar uma unidade; além disso, as unidades são entrincheiradas dependendo da frequência de sua ocorrência.*³ Ademais, crê-se que os contextos das frases influenciam os informantes a selecionar as palavras. De acordo com Divjak & Caldwell-Harris, (2015, p. 16): *Estudos seminais (...), demonstraram que os objetos são reconhecidos com mais rapidez e precisão quando acompanhados por informações contextuais.*⁴

Inicialmente, temos os resultados referentes ao contexto de morte, conforme exposto no gráfico 01, a seguir.

Gráfico 01. Teste preenchimento de lacunas (contexto de morte).



³ Cf. original: *with repeated use, a novel structure becomes progressively entrenched, to the point of becoming a unit; moreover, units are variably entrenched depending on the frequency of their occurrence.*

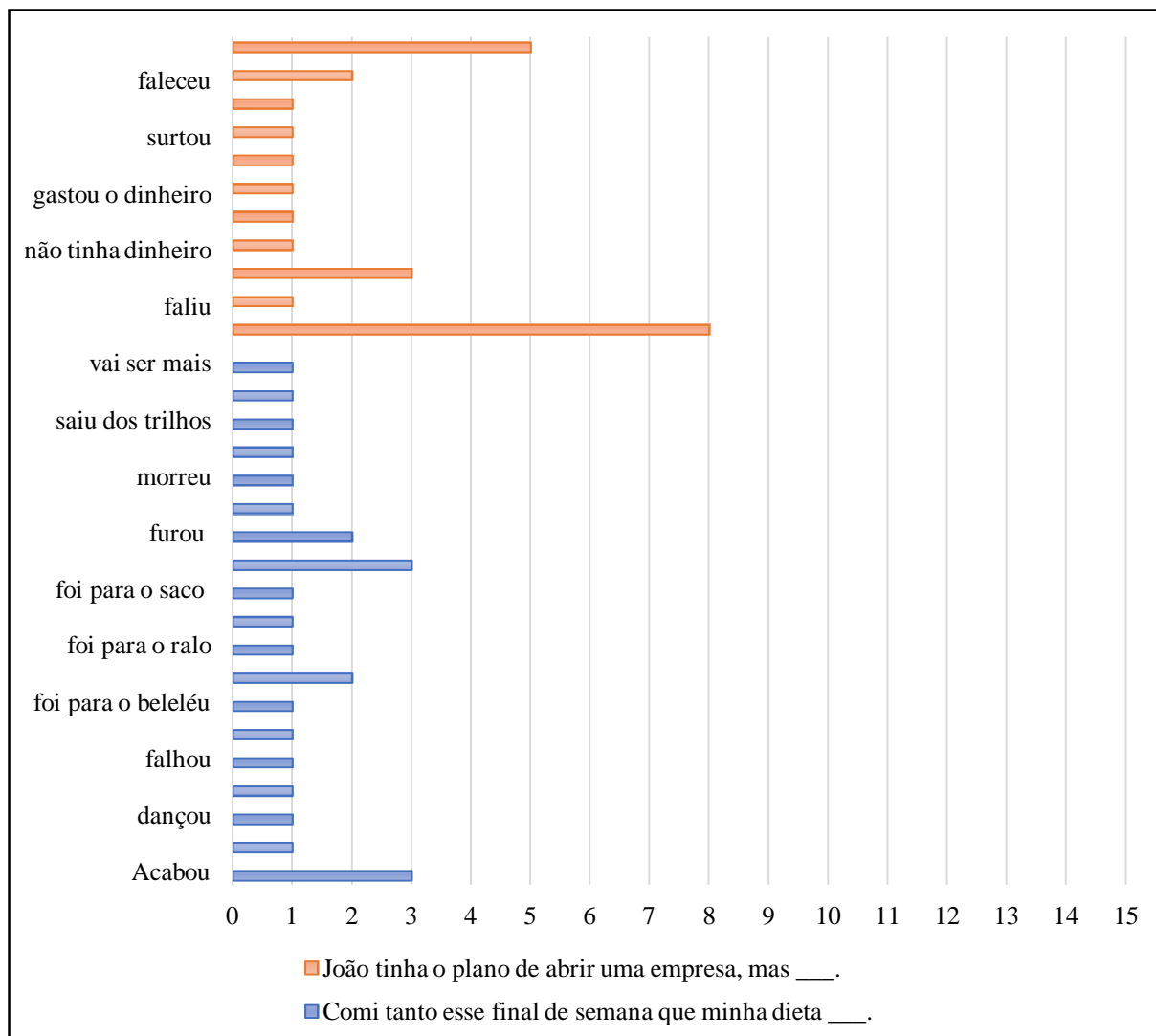
⁴ Cf. original *Seminal studies (...), demonstrated that objects are recognizes faster and more accurately when accompanied by contextual information.*

Na primeira frase (Depois de uma cirurgia complicada, Mariana que só tinha dois anos de vida ____), nenhum participante utilizou as construções *õfoi para as cucuiasö*, *õfoi para o Beleléuö*, *õfoi para o infernoö* ou *õfoi para o infernoö*. Entende-se que tais construções não são frequentes no vocabulário do dia a dia dos participantes, por isso não foram utilizadas. De um total de 25 participantes, 18 completaram a sentença com palavras que se referiam ao contexto semântico de morte: (a) 10 participantes usaram o verbo *faleceu*; (b) 7 informantes utilizaram o verbo *morreu* e (b) 1 julgador preencheu com o verbo *partiu*.

Na segunda sentença (João sofreu um acidente de moto ontem e ____ esta tarde.), a palavra *morreu*, com 12 ocorrências, foi a mais utilizada pelos participantes, seguida do verbo *faleceu*, com 6 ocorrências. Entende-se que a alta frequência desses lexemas no sistema cognitivo dos participantes influenciou a sua escolha.

A seguir temos os seguintes resultados do contexto de fracasso expostos no gráfico 02, a seguir:

Gráfico 2. Teste preenchimento de lacunas (contexto de fracasso).



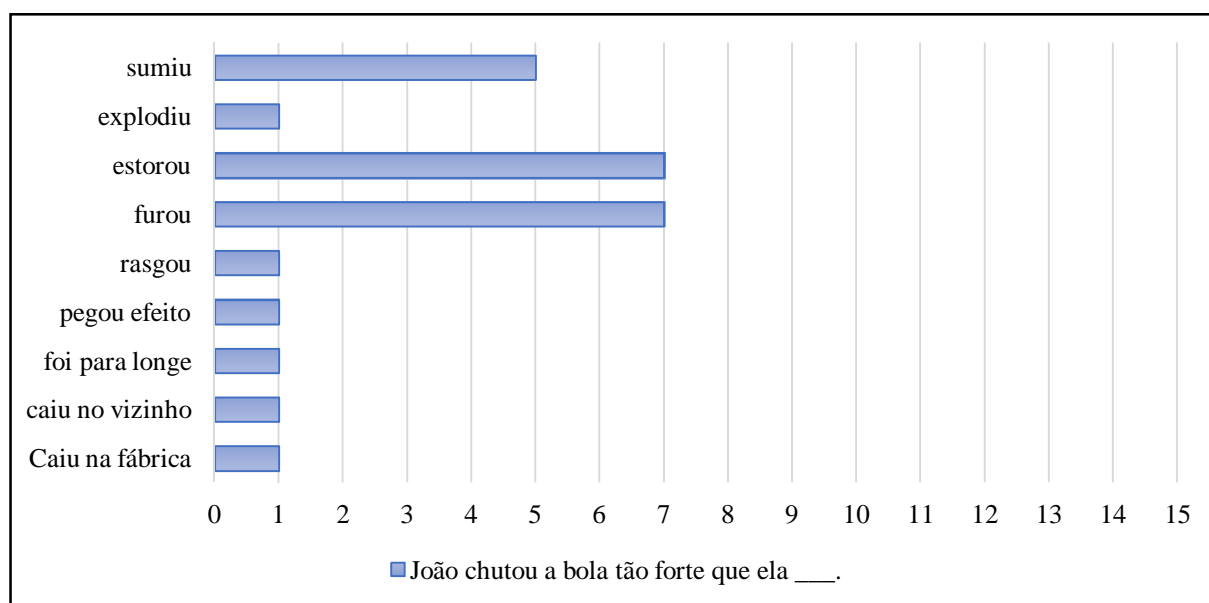
Na primeira frase (João tinha o plano de abrir uma empresa, mas ____.), nenhum participante utilizou a construção com o verbo suporte ir + preposição para + sintagma nominal. As construções acionadas mais frequentemente para completar a frase foram: *desistiu* (8 ocorrências), *morreu* (5 ocorrências), *não conseguiu* (3 ocorrências) e *faleceu* (2 ocorrências).

Já na segunda frase (Comi tanto esse final de semana que minha dieta ____.), os verbos *acabou* e *fracassou* foram os mais usados, ambos com três ocorrências. No entanto, cabe destacar que cinco participantes utilizaram dados de construções formadas pelo verbo suporte ir + preposição para + sintagma nominal: *foi para o Bebeléuö* (1 ocorrência), *foi para o espaçoö* (2 ocorrências), *foi para o raloö* (1 ocorrência) e *foi pro sacoö* (1 ocorrência). O maior emprego desses construtos com verbo suporte ir + preposição para + sintagma nominal pode estar relacionado ao contexto interpretativo da frase de que de tanto comer algo

saiu errado com a dieta. Além disso, entende-se que o contexto de planejamento favorece a utilização dessas construções com verbo suporte. Como defende Bierderman *et al* (1973) (*apud* DIVJAN & CALDWELL-HARRIS 2015, p. 16) ãos objetos são reconhecidos mais rapidamente e com maior precisão quando acompanhados de informações contextuais⁵.

Já em relação ao contexto de que *algo foi para um lugar distante*, temos os seguintes resultados indicados no gráfico 03:

Gráfico 3. Teste preenchimento de lacunas (contexto de que algo foi para um lugar distante)



Elaborou-se esse teste para observar se os participantes utilizariam as construções ãfoi para o Beleléuö ou ãfoi para as cucuiasö para completar a sentença. Nenhum participante usou tais construções. De um total de 25 participantes, 18 escolheram um verbo para completar a frase: (a) 7 informantes escolheram o verbo *estourou*; (b) 7 informantes usaram o verbo *furou* e (c) 5 julgadores utilizaram o verbo *sumiu*.

Tais resultados são semelhantes aos resultados de Esteves (2012, p. 186). A pesquisadora realizou um estudo experimental sobre a lexicalização das expressões dar/fazer + SN (*fiz sacrifício, dei conta*) e observou que os informantes tendem a utilizar ou substituir as expressões ãnão lexicalizadas e lexicalizadas com menor grau de congelamento semânticoö por um predicador pleno (dar proteção = proteção).

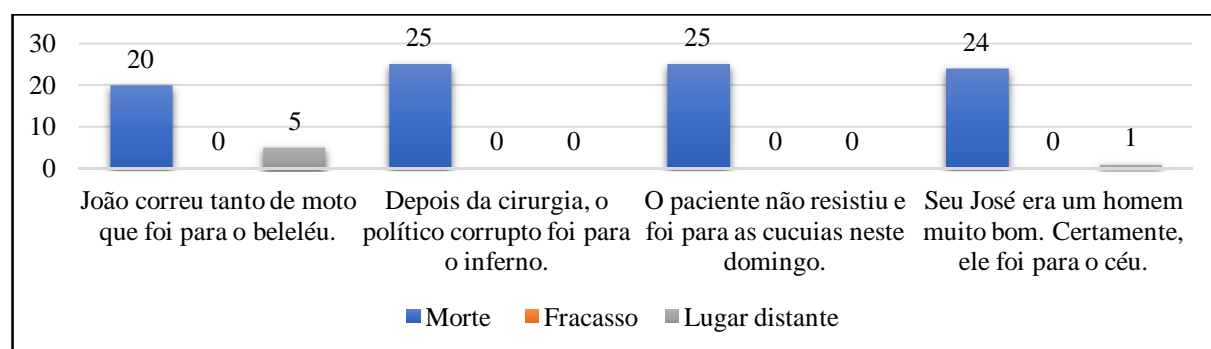
⁵ Cf. ã[í] that objects are recognized faster and more accurately when accompanied by contextual informationö.

4.2 Teste 2 ó Compreensão de significados

O propósito deste teste é verificar se os informantes observam que as microconstruções formadas com verbo-suporte ir + preposição para + sintagma nominal apresentam uma extensão semântica do seu significado. A hipótese deste teste é que os informantes atribuirão significados diferentes para a mesma construção a depender do contexto da oração. Foram construídas diferentes frases com um mesmo significado. Os participantes tinham que marcar entre quatro opções (morte, fracasso, lugar longe, outra) qual seria o significado das construções sublinhadas.

Em relação ao significado de morte, foram construídas quatro frases com a interpretação de que uma pessoa morreu. O objetivo era verificar se os informantes observavam que as quatro frases referiam a morte de uma pessoa. Vejamos os resultados no gráfico 4.

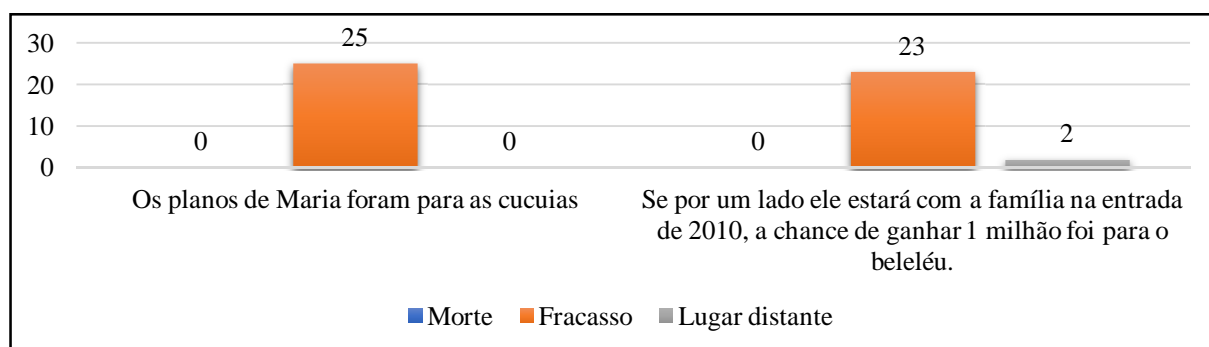
Gráfico 4. Teste compreensão de significados (contexto morte).



Na primeira frase (João correu tanto de moto que foi para o Beleléu), 20 participantes atribuíram a foi para o Beleléu o significado de morte e apenas 5 informantes disseram que o significado era de lugar distante. Na segunda frase (Depois da cirurgia, o político corrupto foi para o inferno) e na terceira frase (O paciente não resistiu e foi para as cucuias neste domingo) todos os julgadores afirmaram que foi para o inferno e foi para as cucuias significava morte. Na última frase (Seu José era um homem muito bom. Certamente, ele foi para o céu), 24 participantes marcaram que o significado de foi para o céu era o de morte e apenas 1 informante disse que era lugar distante. Logo, nestas quatro frases, a maioria dos participantes afirmaram que as quatro construções possuem o mesmo significado.

Com o propósito de observar se os participantes relacionavam as microconstruções foi para as cucuias e foi para o Beleléu ao significado de fracasso foram testadas duas frases cuja interpretação é de que algo que não saiu como o esperado (Os planos de Maria foram para as cucuias e Com 50% dos votos, Mauricio Manieri deixa a fazenda. Se por um lado ele estará com a família na entrada de 2010, a chance de ganhar R\$ 1 milhão foi para o Beleléu). Os resultados referentes ao significado de fracasso podem ser observados no gráfico 5:

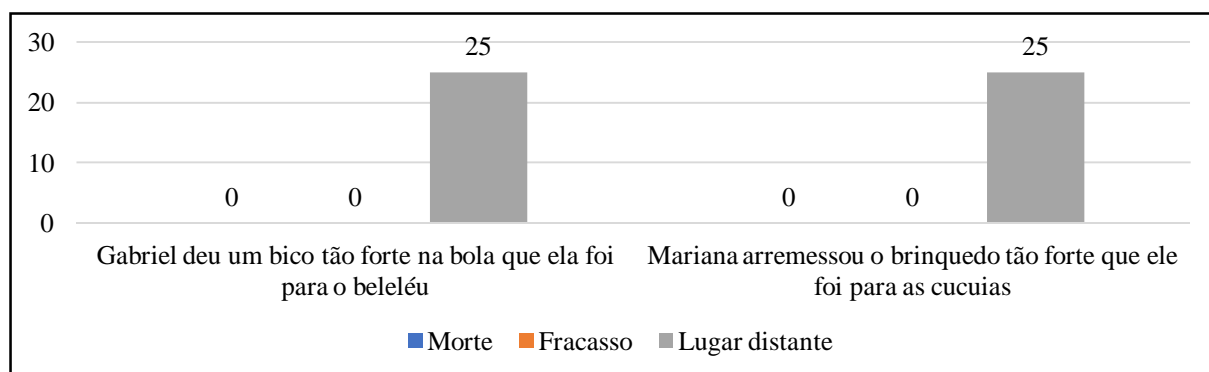
Gráfico 5. Teste compreensão de significados (contexto fracasso).



Todos os participantes afirmaram que a primeira frase (Os planos de Maria foram para as cucuias) apresenta significado de fracasso. Na segunda frase (Com 50% dos votos, Mauricio Manieri deixa a fazenda. Se por um lado ele estará com a família na entrada de 2010, a chance de ganhar R\$ 1 milhão foi para o Beleléu.), 23 informantes marcaram que a construção foi para o Beleléu possuía significado de fracasso e 2 julgadores disseram que o significado era de lugar distante. Logo, a partir dessas frases é possível observar que a maioria dos participantes tem consciência que as duas construções com verbo suporte, neste contexto, possuem o significado de fracasso.

Para avaliar o contexto lugar distante, foram construídas duas frases cujo significado das construções foi para o Beleléu e foi para as cucuias era de algo que foi para um lugar distante. Seguem os resultados:

Gráfico 6. Teste compreensão de significados (contexto lugar distante).



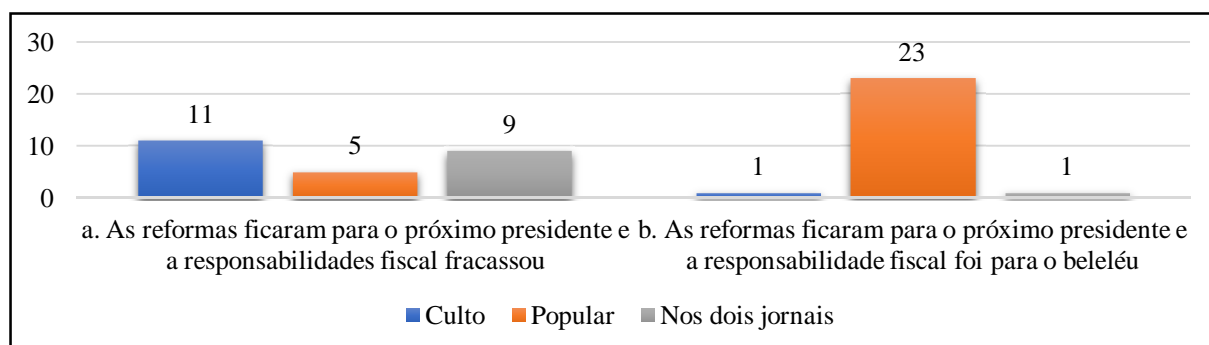
Todos os participantes marcaram que, nessas frases, as construções *foi para o Beleléu* e *foi para as cucuias* possuíam significado de que *algo que foi para um lugar distante*. Assim, os julgadores possuem consciência que as duas construções podem significar lugar distante.

4.3 Teste 3 ó Comparação entre mídias

O teste comparação entre mídias tem como propósito observar se os informantes relacionam as microconstruções formadas com verbo-suporte + preposição *para* + sintagma nominal a um jornal com característica mais popular, e as com verbo pleno a um jornal considerado mais culto. Somente a frase da letra *õe* foi criada pela pesquisadora, todas as outras frases foram retiradas do jornal *ãa Folha de São Paulo*. Cabe destacar que o jornal *ãa Folha de São Paulo* é considerado um jornal culto, uma vez que utiliza uma linguagem mais formal, diferentemente dos jornais *õMeia Hora* e *õExpresso*, que possuem uma linguagem mais popular.

O primeiro par de frases (*fracassou vs. foi para o Beleléu*) tem como objetivo verificar se o participante relaciona o verbo pleno *fracassou* a um jornal considerado culto e a construção *foi para o Beleléu* a um jornal mais popular. Vejamos os resultados atestados no gráfico 7.

Gráfico 7. Teste comparação entre mídias (contexto *fracassou vs. foi para o Beleléu*).

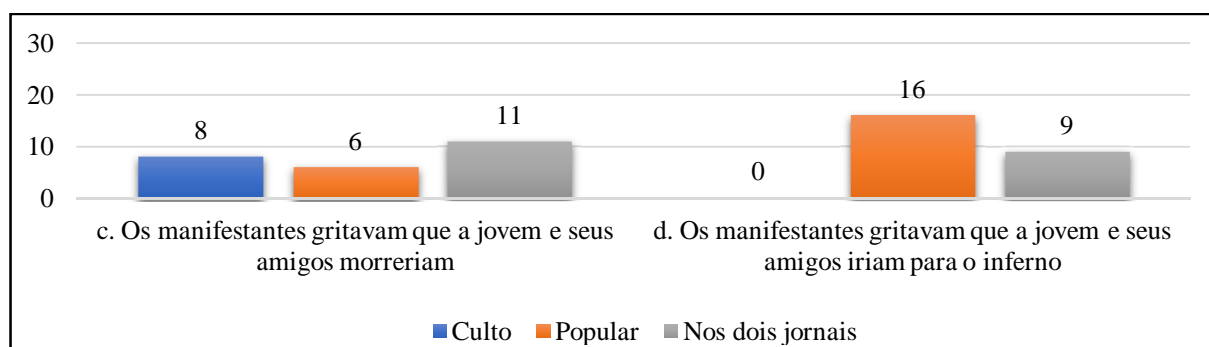


Na primeira frase (As reformas ficaram para o próximo presidente e a responsabilidade fiscal fracassou), 11 participantes disseram que a frase estava em jornal considerado culto. Já 9 informantes afirmaram que a frase pertenceria aos dois jornais. Apenas 5 julgadores declararam que a frase se encontrava em um jornal popular.

Já na segunda frase (As reformas ficaram para o próximo presidente e a responsabilidade fiscal foi para o Beleléu), 23 participantes marcaram que a frase estava em um jornal popular. Apenas 1 informante afirmou que a frase era de um jornal que possui características de culto. Somente 1 julgador disse que a frase foi transmitida por ambos os jornais.

Na segunda dupla de frases (morrer vs. ir para o inferno), o propósito é observar se os participantes tendem a relacionar o verbo pleno *morrer* a uma notícia transmitida por um jornal considerado culto, conforme os resultados no gráfico 8.

Gráfico 8. Teste comparação entre mídias (contexto *morrer vs. ir para o inferno*).



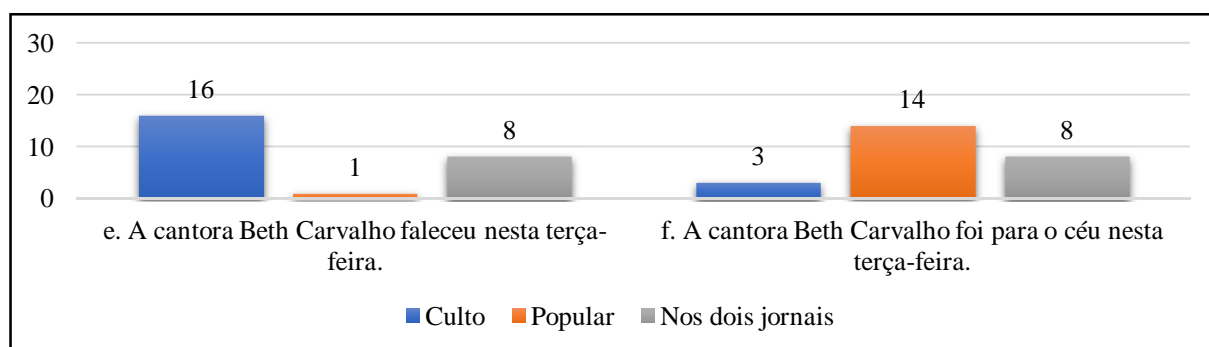
Na terceira frase (Os manifestantes gritavam que a jovem e seus amigos morreriam), 11 participantes disseram que a frase com o verbo pleno *morrer* se encontrava em ambos os jornais. Já 8 informantes declararam que a frase só estaria no jornal considerado culto. Somente 6 julgadores afirmaram que o jornal popular utilizaria a frase com o verbo pleno.

Para a quarta frase (Os manifestantes gritavam que a jovem e seus amigos iriam para o inferno), nenhum informante disse que a frase era de um jornal culto. No entanto, 16 participantes afirmaram que a frase estaria em jornal de caráter popular. Apenas 9 julgadores declararam que a frase com a construção õir para o infernoö poderia ser transmitida pelos dois jornais.

Assim, os participantes tendem a afirmar que as frases com o verbo pleno podem ocorrer tanto em um jornal culto quanto um jornal de popular. Entretanto, a construção õir para o infernoö ocorre apenas em um jornal com característica popular.

Na penúltima dupla de frase (*falecer vs. ir para o céu*), o objetivo é observar se os participantes relacionam a construção õir para o céuö só a um jornal com característica popular. Vejamos os resultados dispostos no gráfico 09.

Gráfico 09. Teste comparação entre mídias (contexto *falecer vs. ir para o céu*).

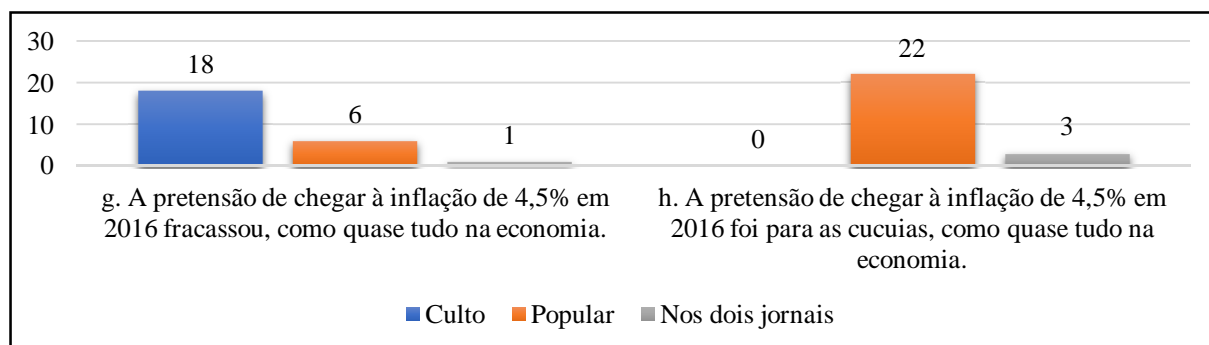


Na quinta frase (A cantora Beth Carvalho faleceu nesta terça-feira), 16 informantes afirmaram que a frase com verbo pleno *falecer* era de um jornal com característica de culto. Somente 1 um informante marcou que a frase se encontrava em jornal popular. Apenas 8 participantes declaram que a frase, com o verbo *faleceu*, estaria em ambos os jornais.

Em relação à sexta frase (A cantora Beth Carvalho foi para o céu nesta terça-feira), 14 julgadores disseram que a frase com a construção õfoi para o céuö se encontrava em um jornal considerado popular. Já 8 informantes marcaram que a frase pertencia aos dois jornais. Somente 3 informantes afirmaram que a notícia era de um jornal culto. Logo, a hipótese confirma-se, pois a maioria dos participantes tendem a relacionar a frase com o verbo pleno ao jornal considerado culto.

Na última dupla de frases (*fracassou vs. foi para as cucuias*), a finalidade foi verificar se os participantes tendem a relacionar o verbo pleno *fracassou* a um jornal de caráter mais culto e a construção *foi para as cucuias* a um jornal de caráter mais popular.

Gráfico 10. Teste comparação entre mídias (contexto *fracassou vs. foi para as cucuias*).

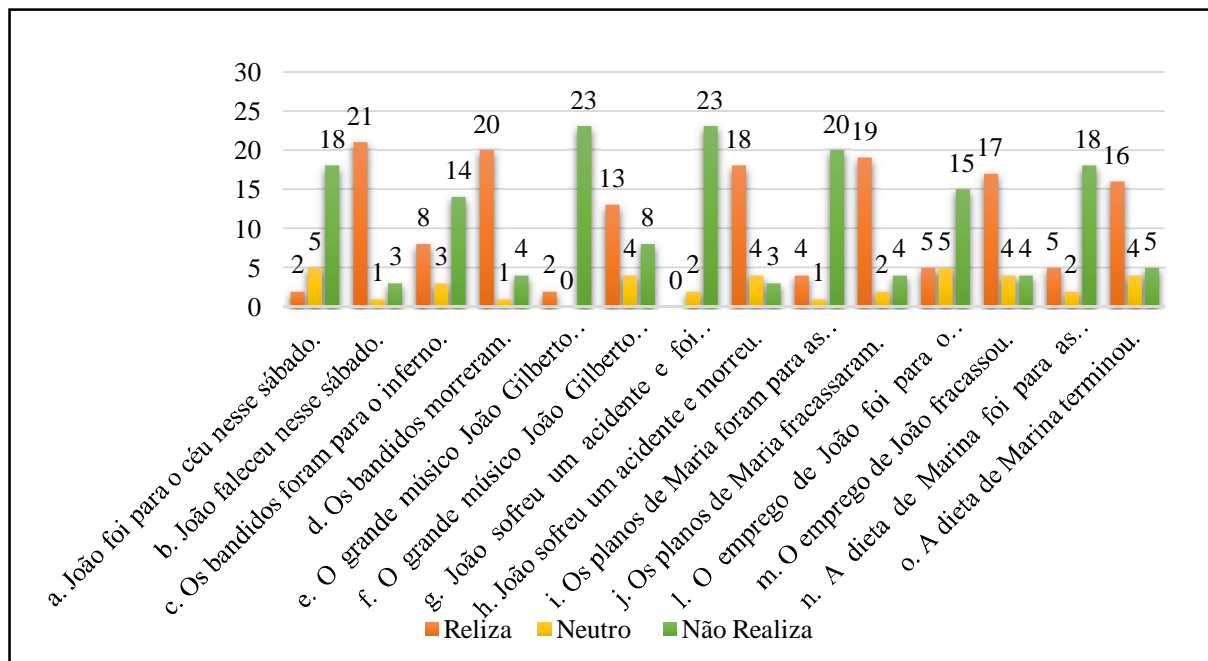


Na penúltima frase (A pretensão de chegar à inflação de 4,5% em 2016 fracassou, como quase tudo na economia), 18 participantes afirmaram que a frase com o verbo pleno *fracassou* seria transmitida pelo jornal culto. Já 6 informantes marcaram que a frase era de um jornal popular. Somente 1 julgador disse que a frase estaria em ambos os jornais.

Na última frase (A pretensão de chegar à inflação de 4,5% em 2016 foi para as cucuias, como quase tudo na economia), 22 participantes marcaram que a frase, com a construção *foi para as cucuias*, seria transmitida por um jornal popular. Nenhum informante afirmou que a frase era de um jornal culto. Apenas 3 julgadores declararam que a frase estaria em ambos jornais.

4.4 Teste 4 ó Mapeamento das realizações

Baseando-se no estudo experimental de Klavan (2012), o teste 4, mapeamento das realizações, busca observar se os usuários da língua reconhecem que produzem orações com as microconstruções *oir para o infernoö*, *oir para o céuö*, *oir para o Beleléuö* e *oir para as cucuiasö*. Os participantes tiveram que marcar em uma escala de 1 à 7, em que o mais próximo de 1 significava que a pessoa não realizava a frase e mais próximo de 7 que ela realizava a frase. Para a análise dos resultados considerou-se que se o participante marcasse de 1 à 3 ele afirmava que não realizaria a frase, se marcasse 5 ele estaria neutro, se marcasse de 6 à 7 ele realizaria a frase.

Gráfico 11. Teste mapeamento das realizações.

Ao analisar as respostas no gráfico acima observa-se que a maioria dos participantes afirma: (i) que realizam as frases com verbo pleno e (ii) não realizam as frases com as microconstruções *foi para as cucuias*, *foi para o Beleléu*, *foi para o inferno* e *foi para o céu*.

A hipótese confirma-se, uma vez que os participantes afirmam que produzem os construtos com verbo pleno. No entanto, declaram que não realizam as microconstruções formadas com verbo suporte *ir* + preposição *para* + sintagma nominal. Este resultado confirma os resultados do primeiro teste (completar as lacunas), isto é, os informantes tendem a utilizar os verbos plenos.

No entanto, tal resultado pode estar relacionado ao fato de os informantes considerarem que as microconstruções com verbo suporte são *informais* e as julgarem como *não cultas* e *menos prestigiosas*, como visto no teste (Comparação entre mídias).

Segundo Labov (2008, p. 228),

As atitudes dos falantes para com as variáveis linguísticas bem estabelecidas também se mostram nos testes de autoavaliação. Quando indagadas sobre quais dentre várias formas são características de sua própria fala, as respostas das pessoas refletem a forma que elas acreditam gozar de prestígio ou ser a *correta*, mais do que a forma que elas realmente empregam.

Conclusão

A presente pesquisa, tendo como base teórica a Linguística Cognitivo-Funcional e a Gramática de Construções, bem como a metodologia da pesquisa experimental, verificou que os usuários da língua tendem a não utilizar as construções com verbo-suporte ($V_{(ir)}$ Prep_(para) Det_(artigo) SN), mas têm consciência da variação linguística existente nas microconstruções (õfoi para o céuö, õfoi para o Beleléuö, õfoi para o infernoö, õfoi para as cucuiasö).

No teste de preenchimento de lacunas, a hipótese confirmou-se, há maior frequência de indicação do uso dos verbos plenos, uma vez que são palavras consideradas prototípicas e frequentes para predicação no vocabulário dos participantes e, por isso, encontram-se entrincheiradas em seu sistema cognitivo. Além disso, verifica-se que o contexto da frase interfere na escolha vocabular do informante, pois, quando o contexto da frase é de planejamento, alguns participantes utilizaram construtos formados por verbo suporte IR + preposição para + sintagma nominal. Já quando o contexto da frase é um ato concreto, os julgadores usaram os verbos plenos.

O teste de compreensão de significados buscou observar se os informantes tinham consciência que uma mesma construção com verbo suporte, por exemplo õir para as cucuiasö pode apresentar significados diferentes a depender do contexto da frase, ou seja, é possível observar variação linguística. Considerando a variação por similaridade, entende-se que, em nosso sistema cognitivo, estão previstas aloconstruções, ou seja, variantes linguísticas. A partir do teste 4.2, foi possível observar que os informantes conhecem as microconstruções com verbo suporte (õfoi para o céuö, õfoi para o Beleléuö, õfoi para o infernoö, õfoi para as cucuiasö) e reconhecem os seus diferentes significados. Logo, os usuários da língua têm consciência das variações linguísticas existentes, pois afirmaram que é possível falar sobre õmorteö e utilizar as suas diferentes variantes: õmorteö, õfalecerö, õfoi para o céuö, õfoi para o Beleléuö, õfoi para as cucuiasö, õfoi para o infernoö.

No penúltimo teste comparações entre mídias, a hipótese também se confirmou, os informantes declararam que os jornais considerados cultos, como o jornal Folha de São Paulo, utilizam o verbo pleno. Já os jornais populares usam as construções formadas por verbo suporte IR + preposição para + sintagma nominal. Portanto, os usuários da língua tendem a relacionar o uso do verbo pleno a uma situação mais formal de escrita e o uso das microconstruções com verbo suporte formadas por verbo suporte IR + preposição para + sintagma nominal a uma situação mais informal.

No último teste de mapeamento das realizações, os julgadores disseram que não realizam as frases com as construções com verbo suporte. Tal resposta reforça os resultados do primeiro (teste de completar as lacunas), uma vez que os informantes utilizam os verbos plenos para completar as frases. Entretanto, esta afirmação também pode estar relacionada ao fato de os informantes considerarem tais usos como informais.

Espera-se que esta pesquisa contribua para os estudos sobre variação linguística no âmbito da Linguística Cognitivo-Funcional, mais especificamente, da Abordagem Construcional da Gramática. Tal pesquisa tem caráter inovador, uma vez que há poucos estudos que trabalhem com a interface da Linguística Cognitivo-Funcional e da Gramática de Construções e a metodologia das pesquisas experimentais, especialmente no que diz respeito ao tema da variação construcional.

REFERÊNCIAS

CAPPELLE, B. Particle placement and the case for ðallostructionsö. *Constructions, Special*, vol. 1, p. 1-28, 2006.

CASTILHO, A. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

DIVJAK, D.; CALDWELL-HARRIS, C. Frequency and entrenchment. In. Ewa Dabrowska & Dagmar Divjak. *Handbook of Cognitive Linguistics*. Berlin: De Gruyter, p. 53-75, 2015.

ESTEVES, G. A. *A lexicalização de expressões DAR/FAZER + SN: fiz sacrifício, dei conta*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) ó Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

HOFFMAN, T.; TROUSDALE, G. Variantion, change and constructions in English. *Cognitive Linguistics* 11, 1, 2011. p. 1-23.

GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

KLAVAN, J. *Evidence in linguistics: corpus-linguistic and experimental methods for studying grammatical synonymy*. 286f. Tese. University of Tartu, Faculdade de Filosofia, 2012.

KENEDY, E. Palestra sobre o livro de sua autoria à Linguística Experimental, realizada na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 15 de maio de 2015.

KENEDY, E. Uma breve introdução aos estudos experimentais em linguística. In: WIEDEMER, M. L. (Org). *Estudos Linguísticos contemporâneos: questões e tendências*. Autografia, p. 159-194, 2019.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Sherre & Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MACHADO VIEIRA, M, S.; ESTEVES, G. A. T. Metodologia de avaliação subjetiva de usos linguísticos em variação. In: LOPES, C & REICH, U. *Romania: variação linguística em Megalópolis Latino-Americanas*, n. 39, p. 237-266, 2009.

MACHADO VIEIRA, M. S.; WIEDEMER, M. L. A variação no modelo construcionista da Linguística Funcional-Cognitiva. In: BRESCANCINI, C. R.; MONARETTO, V. N. O. (Orgs.). *Sociolinguística no Brasil: textos selecionados*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2020, p. 265-304.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAVASSOS, P. *Variação e mudança construcional: um olhar funcional-cognitivo sobre usos de construções com verbo-suporte dar*. 260f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) ó Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

WIEDEMER, M. L.; MACHADO VIEIRA, M. S. Lexemas e construção: atração, coerção e variação. *Caderno Seminal Digital Especial*, v. 30, n. 30, p. 81- 132. 2018a.

WIEDEMER, M. L.; MACHADO VIEIRA, M. S. Sociolinguística e Gramática de Construções: o envelope da variação. In: FRANCESCHINI, L. T.; LOREGIAN-PENKAL, L. (Org.) *Sociolinguística: Estudos de variação, mudança e atitudes linguísticas*. Guarapuava: Editora da Unicentro, p. 41-77, 2018b.

Recebido em: 02.09.2020.

Aprovado em: 09.02.2021.